# Letramentos de jovens cegos: estudo de caso em escolas do distrito de Braga

## Literacies in blind young people: a case study in schools in the district of Braga

Amanda Botelho Corbacho Martinez [1]
Alessandra Santana Soares e Barros[2]
Anabela Cruz Santos [3]

**Resumo:** Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento e tem como objetivo descrever e discutir sobre os usos que os jovens cegos fazem da leitura e escrita. As análises são ainda preliminares, decorrentes dos dados produzidos em novembro e dezembro de 2017, em duas escolas públicas de Braga, Portugal. Adotamos os pressupostos teóricos dos *New Literacy Studies* e a concepção interacionista de leitura e escrita. O estudo de caso, de abordagem qualitativa, teve como principal técnica para a produção de dados a entrevista semiestruturada, analisada por categorias temáticas fundamentadas no referencial teórico e construídas a partir do contato com a realidade. Seis adolescentes cegos participaram da pesquisa. Os jovens leem principalmente através da audição, com leitores de tela dos computadores e celulares. Têm acesso a livros, jornais, redes sociais e fazem buscas na internet. A leitura em braille é realizada com menor frequência e ocorre na escola, para ler livros; em casa, para ler embalagens de medicamentos e o baralho; na igreja. Os dados demonstraram que os adolescentes leem e escrevem com frequência, em diversos contextos,

[1] Doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia; bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES, com Estágio Científico Avançado realizado no Instituto de Educação da Universidade do Minho; professora da Prefeitura Municipal de Salvador com atuação no Centro de Intervenção Precoce do Instituto de Cegos da Bahia.
[2] Professora Associada II na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação.
[3] Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

e apoiam-se sobretudo na oralidade. Esses modos de se constituírem letrados em tempos de tecnologias digitais devem ser considerados e valorizados.

**Palavras-chave**: Cegueira. Letramentos. Leitura. Sistema Braille. Tecnologias digitais.

## INTRODUÇÃO

O braille, criado no século XIX, é um sistema de escrita tátil considerado como a forma universal de leitura e escrita para pessoas cegas. Nos últimos anos, porém, os cegos, de modo geral, diminuíram a frequência de leitura em braille, tanto pela dificuldade em obter materiais transcritos para esse sistema quanto pela preferência aos outros modos de acesso à leitura. Essas outras maneiras de ler são mediadas pelo sentido da audição e referem-se, principalmente, às tecnologias digitais associadas às tecnologias assistivas, como os computadores com leitores de tela e até mesmo os celulares, uma vez que a tecnologia *touchscreen* também desenvolveu acessibilidade para pessoas com deficiência visual, que têm utilizado cada vez mais os *smartphones* e *tablets*, seja para interagir nas redes sociais, seja para ler revistas, jornais, livros e fazer buscas na internet.

Nesse sentido, as pessoas cegas vivenciam a leitura e a escrita com algumas peculiaridades em relação às pessoas videntes, embora também existam muitas similaridades. Considerando tais particularidades, a pesquisa de doutorado em andamento busca compreender como ocorrem os letramentos de jovens cegos. Este estudo adota os pressupostos teóricos dos *New Literacy Studies* (denominado Estudos do Letramento, no Brasil), que compreende a natureza social do letramento e tem como interesse entender o que as pessoas fazem com a leitura e a escrita nos diversos contextos socioculturais. (Street, 2013) Ou seja, não há o interesse em avaliar e medir as competências técnicas dos sujeitos. Esta pesquisa ancora-se também na concepção interacionista de leitura e escrita.

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado e apresenta parte dos dados produzidos no distrito de Braga, durante o período de estágio no Instituto de Educação da Universidade do Minho, como bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A partir de um estudo de caso, este trabalho tem como objetivo descrever e discutir acerca dos usos sociais que os jovens cegos do distrito de Braga fazem da leitura e da escrita.

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA E A ESCRITA PARA PESSOAS CEGAS

A deficiência visual é classificada em baixa visão e cegueira. De acordo com a concepção médica, a pessoa tem baixa visão se possuir acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; são consideradas cegas as pessoas que apresentam acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. (Brasil, 2002)

A concepção educacional define como cegas as pessoas que

> [...] não têm visão suficiente para aprender a ler em tinta, e necessitam, portanto, utilizar outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e cinestésico) no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. O acesso à leitura e escrita dar-se-á pelo Sistema Braille. (Brasil, 2002, p. 13)

O Sistema Braille, criado em 1825, na França, por Louis Braille, foi oficialmente reconhecido em 1840. Até os dias atuais, é considerado como o sistema universal de leitura e escrita para cegos. A cela braille consiste em seis pontos em relevo, formando 63 combinações, que representam letras, números, sinais de pontuação, da matemática, física, química e informática, além da musicografia. O braille é a única maneira de leitura que

oportuniza o contato direto e permanente com a ortografia das palavras e com a estrutura do texto.

Atualmente, além do braille, há outros recursos disponíveis para as pessoas cegas lerem e escreverem. O leitor de tela, por exemplo, é um software utilizado em computadores e celulares. Através de comandos no próprio teclado do computador ou na tela do celular, a pessoa com deficiência visual tem acesso às informações que estiverem disponíveis apenas em formato de texto, pois os textos digitalizados em formato de imagens, os gráficos, os mapas e as fotografias são inacessíveis ao leitor de tela.

É importante destacar que o leitor de tela é um programa que interpreta os conteúdos do código por trás da tela e precisa do complemento de um sintetizador de voz ou de uma linha braille para apresentar a informação. Ao optar pela leitura por meio de síntese de voz, a pessoa cega não terá, por exemplo, o contato direto e permanente com a ortografia das palavras, mas o sintetizador de voz possui a propriedade de soletrá-las. Para isso, a leitura é interrompida para que o computador ou celular soletre as palavras.

O programa leitor de tela também pode ser usado com a linha braille, que consiste em um hardware que exibe em braille a informação da tela quando está conectada a uma porta de saída do computador ou celular. Através de um sistema eletromecânico, os pontos são levantados e abaixados, formando as letras e outros sinais em braille. A linha braille costuma apresentar botões para controlar diretamente a navegação e, na maior parte das vezes, executar comandos do leitor de tela[4]. Este recurso ainda é pouco usado no Brasil devido ao seu alto custo. Havia linhas braille disponíveis aos estudantes da escola de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão do distrito de Braga.

Além das tecnologias digitais, as pessoas cegas também têm acesso à informação através do ledor, que é a pessoa que enxerga que executa a leitura em voz alta para o cego, que é o leitor. (Silva, 2007) Muitas vezes, a pessoa cega realiza a gravação desta leitura para ter acesso posteriormente.

[4] Confira informações no site: <www.acessibilidadelegal.com>

O livro falado ou *áudio book* consiste na gravação de livros, contudo, este recurso não é utilizado pelos jovens participantes desta pesquisa.

No que se refere à escrita, a pessoa cega pode escrever utilizando a máquina braille, a reglete e o punção, ou digitar no computador e imprimir com a impressora braille. Para escrever com o suporte das tecnologias digitais, é necessário utilizar um programa leitor de tela no computador, celular ou *tablet*. Além disso, é possível escrever em celulares ou *tablets* usando o recurso da digitação por reconhecimento de voz.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE LETRAMENTO/LITERACIA[5]

O termo *letramento* é a versão brasileira para a palavra da língua inglesa *literacy*. (Soares, 1998) Antes de ser introduzido no Brasil o neologismo *letramento*, os termos 'alfabetização', 'alfabetizado', 'analfabeto', 'semianalfabeto', 'semialfabetizado', 'alfabetismo', 'leitura' e 'escrita' eram os principais vocábulos utilizados para se referir à relação das pessoas, da escola ou da sociedade com a escrita. Marinho (2010) afirma que "Era comum acrescentarmos a essas palavras a expressão "num sentido amplo", para alargar o seu sentido semântico e discursivo: *alfabetização num sentido amplo, leitura num sentido amplo*". (p. 13) Segundo a autora, "embora lidássemos sempre com a palavra e o conceito *literacy*, não tínhamos uma expressão que o traduzisse com mais propriedade". (p. 13)

Kleiman (1995) evidencia o caráter multifacetado do conceito de letramento ao afirmar que a partir da "(...) variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito". (p. 17) De acordo com a autora, se uma pesquisa sobre letramento tem como objetivo analisar a capacidade de sujeitos alfabetizados *versus* sujeitos analfabetos (falar de palavras, sílabas, etc.), entende-se que para esse pesquisador ser letrado significa ter desenvolvido e utilizar uma capacidade metalinguística

[5] Literacia é o termo utilizado em Portugal.

sobre a própria linguagem. Por outro lado, quando um trabalho objetiva investigar como adultos e crianças, de diferentes grupos sociais, falam sobre um livro, com o intuito de caracterizar tais práticas para relacioná-las ao sucesso escolar da criança, depreende-se que para esse pesquisador letramento significa uma prática discursiva, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, ainda que não envolva o ler e escrever, propriamente ditos. (Kleiman, 1995)

Na Espanha, o conceito de letramento foi introduzido por Cassany. O autor define como *literacidad* o conjunto de práticas letradas articuladas entre si, que podem associar-se a um contexto institucional específico, como a escola, família, trabalho, igreja, etc.. Nesse sentido, é possível falar em "*múltiples literacidades*" e cada uma delas conta com maneiras de ler e escrever específicas. No entanto, Cassany ressalta que cada um desses letramentos não está claramente delimitado, uma vez que as práticas letradas associadas a uma situação podem migrar para outros contextos e depois de tanto fluxo entre as práticas de diferentes instituições, a origem de algumas delas pode ser incerta. (Cassany, 2009)

Segundo Dionísio (2007), há perspectivas exclusivamente cognitivistas, que defendem que o letramento é um conjunto de capacidades para usar a leitura e a escrita. Há também a perspectiva do letramento como um conjunto de práticas sociais que envolvem o texto escrito. A primeira tem interesse em medir a capacidade dos sujeitos e avaliar o que as pessoas sabem. Já o segundo olhar busca conhecer o que as pessoas fazem com os textos. Esta perspectiva foi desenhada como Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies)*: se empenha em ver o que as pessoas fazem com o letramento e como os textos estão integrados em suas vidas.

O conceito de multiletramentos surgiu ainda mais recentemente e foi articulado pelo Grupo de Nova Londres (*New London Group*), referindo-se às práticas de letramento contemporâneas que envolvem as múltiplas linguagens, semioses e mídias que abrangem a criação dos textos multimodais, e também refere-se à diversidade cultural dos autores e leitores contemporâneos na criação desses textos. (Rojo, 2013) Os multiletramentos referem-

se aos gêneros impressos (jornal, revistas charges, publicidade, etc.) e também aos gêneros que circulam e são produzidos em ambiente digital.

Esta pesquisa adota os pressupostos teóricos dos Novos Estudos do Letramento, que compreende a natureza social do fenômeno do letramento. Tal perspectiva

> representa uma nova tradição no estudo da natureza do letramento, enfocando não tanto a aquisição de habilidades, como acontece nas abordagens dominantes, mas significa pensar o letramento como prática social. (Street, 2013, p. 52)

A perspectiva dos letramentos sociais busca entender como as pessoas utilizam a escrita e o que fazem com ela nos diversos contextos socioculturais; compreende que não há homogeneidade entre os sujeitos e nem mesmo entre as instituições que fazem uso dos textos; considera que há a necessidade de reconhecer os múltiplos letramentos, que variam de acordo com o tempo e o espaço, levando em consideração também as relações de poder, por isso, utiliza o termo "letramentos" (no plural) no lugar de um único "letramento" (no singular), uma vez que identifica diversos usos da leitura e da escrita em diferentes comunidades, demonstrando como as variadas culturas lidam distintamente com a modalidade escrita da língua. (Street, 2013)

## A LEITURA E A ESCRITA NUMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA

Sobre leitura e escrita, Kock e Elias (2009, 2015) citam três concepções possíveis: "foco no autor", "foco no texto" e "foco na interação". Na primeira perspectiva, baseada na concepção de língua como representação do pensamento, entende-se que a escrita é a expressão do pensamento do autor e, desse modo, a leitura é a atividade de captação de suas ideias, desconsiderando o conhecimento e experiências do leitor. Ou seja, o foco de atenção é o autor e as suas intenções, cabendo ao leitor reconhece-las.

O segundo posicionamento, "foco no texto", baseia-se na concepção de língua como código e o texto é considerado como simples produto da codificação de um emissor que será decodificado por um leitor/ouvinte. Nesta abordagem, a leitura exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que "tudo está dito no dito". (Koch & Elias, 2015, p. 10) O leitor deve reconhecer o sentido das palavras e estruturas do texto.

Por fim, Koch e Elias (2009, 2015) fundamentam-se em Bakhtin, teórico que propõe uma abordagem interacionista e dialógica de linguagem, e propõem a concepção de leitura e escrita com "foco na interação". A partir desse enfoque, a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias. O autor, de forma não linear, "pensa" no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julgar necessário, guiado pelo princípio interacional, uma vez que a escrita não é apenas a apropriação de regras da língua. A leitura é uma atividade de construção do sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, realizada com base nos elementos linguísticos presentes no texto e nas experiências e conhecimentos do leitor. (Koch & Elias, 2009, 2015)

Assim como Koch e Elias (2009 e 2015), Geraldi (2011) também considera que a leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor mediado pelo texto. O autor dá uma significação ao seu texto, mas não domina sozinho o processo de leitura do leitor, uma vez que este não é passivo, reconstrói o texto na sua leitura e buscando significações.

## METODOLOGIA

O recorte da pesquisa apresentado neste artigo tem como objetivo compreender como ocorrem os letramentos de jovens cegos do distrito de Braga; descrever e analisar os usos sociais da leitura e da escrita por jovens cegos do distrito de Braga. Nesta perspectiva, a metodologia adotada foi o estudo de caso, de abordagem qualitativa, tendo como principal

técnica para a produção de dados a entrevista semiestruturada individual. Participaram da pesquisa seis adolescentes cegos, com 12 a 17 anos de idade, alunos de duas escolas localizadas no distrito de Braga. Foram também entrevistados os professores do ensino regular e da educação especial, para a obtenção de dados complementares.

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas do distrito de Braga, sendo uma delas a escola de referência para a educação de alunos com deficiência visual. A criação de escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão, e também para a educação bilíngue de alunos surdos está prevista no artigo 4º, do decreto-lei nº3/2008, que define os apoios especializados a serem ofertados na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos setores público, particular e cooperativo.

As entrevistas e observações nas escola ocorreram nos meses de novembro e dezembro, após a anuência de alunos, pais, professores, coordenadores e diretores das escolas.

O roteiro de entrevista semiestruturada com os alunos cegos foi elaborado a partir das considerações de Street (2012), que pontua que nos diálogos com as pessoas não deve-se perguntar diretamente sobre leitura e escrita. O diálogo deve ser abrangente, envolvendo outros aspectos da vida das pessoas, pois a partir dessa conversa podem ser relatados diversos eventos de letramento, ou seja, situações que envolvem a leitura e a escrita, mas que os sujeitos não consideravam como letramento.

As categorias de análise foram elaboradas com base no referencial teórico e no contato com a realidade. Nesse sentido, foram delineadas as seguintes categorias: “como os jovens cegos leem escrevem?”, “o que os jovens leem e escrevem” e “em que contexto leem e escrevem?”.

## RESULTADOS E ANÁLISES PRELIMINARES

No que se refere à categoria "Como os jovens cegos leem e escrevem", identificamos que todos os alunos leem principalmente através da audição, por meio de programas leitores de tela. No *notebook* utilizam o NVDA, leitor de tela gratuito, e no celular usam o TalkBack, programa leitor de tela dos androids. Todos os alunos possuem *notebook* na escola e em casa. Somente um garoto não tinha celular.

Todos os entrevistados relataram conseguir escrever com a máquina braille, mas apenas dois jovens leem em braille com fluência. Quatro estudantes têm dificuldade para reconhecer os pontos em relevo, sendo que um aluno ainda tem aulas de braille e tenta utilizar o sistema nas aulas de matemática; duas garotas conseguem ler letras ou palavras isoladas em braille, mas não usam o sistema em relevo durante as aulas ou para a leitura de textos, e uma garota relatou que não lê em braille em momento nenhum. A escrita em braille é mais fácil do que a leitura, pois para escrever é necessário saber a posição dos pontos na máquina (1 a 6) e combinação de pontos de cada letra. Já a leitura demanda o reconhecimento tátil de cada letra e nem todas as pessoas cegas conseguem desenvolver essa habilidade.

Assim como leem principalmente através dos leitores de tela, também escrevem com mais frequência através de computadores e celulares, por meio dos sintetizadores de voz. Foi identificado também que, em alguns momentos, os jovens preferem escrever por meio do reconhecimento de voz ou até mesmo utilizar a gravação de áudios, seja no whatsapp ou para fazer buscas na internet.

A pesquisa por voz é um recurso que também pode ser usado por pessoas videntes e, com a ajuda de leitores de tela, torna-se acessível também para as pessoas com deficiência visual. A escolha pelo envio de mensagem de texto ou de áudio no whatsapp ocorre a depender do ambiente em que o emissor ou receptor da mensagem estiverem no momento e também a depender de quem seja o destinatário. O mesmo acontece com as pessoas que enxergam, isto é, enviam mensagens de texto ou áudio a depender de quem seja o

destinatário e também do contexto em que estiverem inseridos no momento do envio da mensagem.

A respeito da categoria "o que os jovens leem e escrevem", os estudantes relataram que leem com leitores de tela os livros digitais, e-mails, textos da internet, publicações nas redes sociais, sobretudo notícias de seus interesses, como esporte, por exemplo. Os dois jovens que leem braille com fluência relataram usar o sistema em relevo com menos frequência em comparação ao leitor de tela. Leem material impresso ou através da linha braille. Foi citado o uso do braille na leitura de livros e um deles contou que eventualmente também lê em braille na missa. Uma aluna que tem dificuldade para reconhecer os pontos em relevo relatou que usa o sistema braille nos jogos de baralho ou na leitura de embalagens de medicamentos. Neste relato, destacou a importância do braille para identificar com independência o medicamento que precisava tomar.

Os jovens raramente leem com a ajuda do ledor, mas essa situação ocorre quando o material não está disponível em meio digital ou em braille. Nesses casos, um colega, um professor ou um familiar são os ledores dos jovens. Todos eles afirmaram que não leem através de *áudio book* ou livro gravado.

No que se refere à leitura, os jovens destacaram a dificuldade de acesso às imagens de livros e páginas da internet, uma vez que o leitor de tela ainda não tem essa acessibilidade. Na escola, por exemplo, é importante que as fotos, gráficos, mapas e demais imagens dos livros e dos outros materiais que circulam no ambiente escolar apresentem a descrição para que os alunos cegos tenham acesso ao conteúdo e possam participar das atividades que contenham os mais diversos tipos de linguagens. A audiodescrição é considerada um recurso de tecnologia assistiva, por promover acessibilidade às pessoas com deficiência visual e refere-se à tradução audiovisual intersemiótica, onde as imagens ou sinais visuais são descritas em áudio, entre os diálogos, ou também em imagens estáticas, como, por exemplo, fotos, desenhos, pinturas e *slides* de apresentação. Nesse sentido, a audiodescrição pode ser

feita na TV, cinema, teatro, áudio *books*, livros digitais, conferências, salas de aula, e pode ser pré-gravada, ao vivo ou simultânea[6].

Os estudantes relataram que escrevem e-mail, fazem buscas sobre assuntos diversos na internet, baixam jogos, participam de redes sociais, como *facebook*, *instagram* e *whatsapp*. A escrita ocorre por meio de digitação e, em alguns casos, por reconhecimento de voz.

Sobre a categoria de análise "onde leem e escrevem" foram citados a escola, a casa, a igreja e o shopping. Nestes contextos, ocorrem a leitura e a escrita por meio de leitores de tela, sistema braille ou ledor, a depender da situação ou do material disponível durante os eventos de letramento.

A partir dos diálogos com os jovens cegos, um dado que chamou a atenção foi o fato de que esses estudantes não se consideram leitores quando utilizam os computadores e celulares com apoio da audição, uma vez que a leitura está sendo feita pelo leitor de tela. Isto é, por não estarem decodificando o texto, não se percebem enquanto leitores e afirmam que "é a voz que está a ler".

Koch e Elias (2015) destacam que a leitura é, sobretudo, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza a partir de elementos linguísticos presentes na superfície do texto, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de experiências e conhecimentos por parte do leitor, que não é um receptor passivo. Partindo desse entendimento, embora as pessoas cegas estejam ouvindo o texto lido por leitores de tela de *notebooks* ou *smartphones*, podemos considerar que, de fato, estão fazendo leitura, visto que estão utilizando a bagagem cognitiva que trazem consigo para produzirem sentido a respeito do texto.

Entendemos que a leitura em braille também tem a sua importância, sobretudo para a aquisição da ortografia, pois ler é também um processo perceptivo visual ou tátil, na medida em que os olhos ou o dedo reconhecem o símbolo impresso. No entanto, a partir do

[6] Informação disponível no site http://www.audiodescricao.com

contato com os professores, percebemos que os eventos de letramento mediados pelo Sistema Braille são os mais valorizados pela instituição escolar, apesar de ser o menos utilizado pelos alunos. Nas entrevistas feitas com os professores, as informações encontradas demonstraram que o uso do computador ou celular não é propriamente considerado leitura. Ao ser questionada sobre "como os professores se organizam/planejam para que o aluno possa ter acesso às atividades?", uma professora de Educação Especial responde que "Todas as aulas são bem planeadas para que as alunas integrem a turma. É dado às alunas documentos em Word para que elas possam **ouvir** no computador e é-lhes dado todo o tempo que precisam para passarem os apontamentos durante a aula".

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir das entrevistas realizadas e das análises preliminares foi possível compreender como ocorrem os letramentos dos jovens cegos. Observamos que o Sistema Braille é pouco utilizado pelos alunos entrevistados, por não serem disponibilizados muitos materiais neste sistema; ou por apresentarem dificuldade na identificação dos pontos em relevo e a leitura não ser fluente; e também porque leem com mais frequência na internet. Mesmo quando há possibilidade de utilizar a linha braille, os jovens que leem em braille com fluência relataram a preferência pelo uso do leitor de tela.

Os participantes deste estudo relataram ler em braille na escola, em casa e um deles afirmou ler em braille na igreja. Os jovens cegos informaram que, em algumas ocasiões, leem com o ledor, também na escola, em casa e na igreja. Os alunos leem principalmente através dos leitores de tela e têm acesso a alguns livros didáticos, notícias de jornais disponíveis na internet, seguem páginas diversas nas redes sociais e fazem buscas na internet.

Atualmente, as pessoas cegas têm menos contato com o Sistema Braille, - fenômeno denominado por pesquisadores como "desbraillização" - e este fato é apontado por

professores e estudiosos em todo o mundo como a causa para as dificuldades dos cegos que ainda não se apropriaram de um aspecto formal da escrita, que é a ortografia (OLIVEIRA, 2009; SOUSA, 2009), uma vez que o braille é o único formato que permite o contato direto e permanente com a ortografia das palavras e com a estrutura do texto (título, parágrafo, verso, estrofe, etc.). Entretanto, é preciso considerar que o uso cada vez maior das tecnologias digitais e, consequentemente, da leitura feita por meio da audição com programas leitores de tela é uma realidade no cotidiano das pessoas cegas. Nesse sentido, as práticas de letramento envolvem o contato com textos através da oralidade.

Os dados preliminares apontam que os letramentos - usos sociais da leitura e da escrita - de jovens cegos têm grande suporte na oralidade. É sobretudo na oralidade que estes sujeitos se apoiam e se constituem como leitores.

Apesar da pouca utilização do braille, os adolescentes cegos leem e escrevem com frequência, em diversos contextos, e esses outros modos e meios de se constituírem letrados em tempos de tecnologias digitais devem ser considerados e valorizados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. (2002). Secretaria de Educação Fundamental. *Educação infantil: estratégias e orientações pedagógicas para a educação de crianças com necessidades especiais: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual*. Brasília, DF.

CASSANY, D. (2009). Miradas y propuestas sobre la lectura. In: D. Cassany (org.), *Para ser letrados: voces y miradas sobre la lectura*. (pp. 13-22). Paidós, Barcelona. Miradas y propuestas sobre la lectura

Decreto-Lei n.o 3/2008, de 7 de janeiro. Portugal. Apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo.

DIONÍSIO, M. L. (2007). *Educação e os estudos atuais sobre letramento.* Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 1, 209-224. https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1635

GERALDI, J. W. (2011). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.

KLEIMAN, Ângela. (org.) (1995) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.* Campinas, SP: Mercado de Letras.

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. (2009). *Ler e escrever: estratégias de produção textual.* 2 ed. São Paulo: Contexto.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. (2015) *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3 ed. São Paulo: Contexto.

MARINHO, M. (2010). Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: Marinho, Marildes; G. Carvalho (orgs.), *Cultura escrita e letramento*. Editora UFMG.

ROJO, R. (2013). Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: R. Rojo (org.), *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs.* 1 ed. São Paulo: Parábola.

SILVA, L. M. (2007). *Lendo vozes*. 32 min. Salvador: Portfolium Laboratório de Imagens Apoio: UNEB.

SOARES, M. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

STREET, B. (2012). Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In: I. Magalhães. (org.), *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

STREET, B. (2014). *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola.

STREET, B. (2010). Os novos estudos sobre o letramento. In: M. Marinho; G. Carvalho, (orgs.), *Cultura escrita e letramento*. Editora UFMG.

STREET, B. (2013). *Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil.* Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51-71. http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n89/a04v33n89.pdf